



HORIZONTES DO SABER FILOLÓGICO



*20 anos
de Licenciatura
em Filologia Portuguesa
na Universidade de Sófia
Sveti Kliment Ohridski*

EDITORA UNIVERSITÁRIA SVETI KLIMENT OHRIDSKI

HORIZONTES
DO SABER FILOLÓGICO

20 anos de Licenciatura em Filologia Portuguesa
na Universidade de Sófia Sveti Kliment Ohridski



HORIZONTES
DO SABER
FILOLÓGICO

20 anos de Licenciatura em Filologia Portuguesa
na Universidade de Sófia Sveti Kliment Ohridski

Yana Andreeva
(Coordenação)

Editora Universitária Sveti Kliment Ohridski
Sófia • 2014

- © 2014 Яна Андреева, Донка Мангачева,
Вера Киркова, съставители
- © 2014 Университетско издателство „Св. Климент Охридски“

ISBN 978-954-07-3731-7

Índice

Nota de apresentação	9
Yana Andreeva	

Conferências plenárias

A paleta que lê: Paula Rego e os clássicos oitocentistas (Herculano, Camilo, Eça)	13
Isabel Pires de Lima	

O ensino do Português como Língua Estrangeira (PLE): desafios, tendências contemporâneas e políticas institucionais	33
Edleise Mendes	

Linguística

Da criação neológica (e outros fenómenos linguísticos) no pós-25 de Abril de '74	49
Henrique Barroso	

Formas de tratamento em Português e discurso televisivo: usos de <i>você</i>	62
Maria Aldina Marques	

“Os <i>stiletto</i> são um <i>must have</i> ” – análise da linguagem contemporânea da moda	74
Edyta Jablonka	

Perífrases verbais com valor aspectual ingressivo – iminente	86
Jaroslava Jindrová	

Quando é a gramática que engana: equívocos na classificação tempo-aspetual do verbo em Português	95
José Teixeira	

Configuração das relações temporais nos subsistemas da subjectividade e da não subjectividade do verbo português 107 Vesela Chergova	107
As formas do conjuntivo na expressão da consequência nas Línguas Portuguesa e Espanhola 118 Natalia Czopek, Andrzej Zieliński	118
A problemática do artigo em sintagmas preposicionais complemento e modificadores de nome 131 Joaquim Coelho Ramos	131
A crítica contra as pressuposições do ato diretivo 146 Donka Mangatcheva	146
Duas peculiaridades tipológicas do Português 155 Ildikó Szijj	155
O verbo auxiliar <i>tenere</i> em Português e nas Línguas Românicas 165 Jan Hricsina	165
De Rumilly a Irecê. O caminho dos empréstimos franceses até ao Português do Brasil 174 Nadejda Simeonova, Liziane Reis	174
As dificuldades na tradução de textos em Línguas Eslavas para a Língua Portuguesa 181 Priscila Quintana	181
Метафора и лексикализация. Наблюдения върху глаголи за движение във френския и българския език 191 Силвия Ботева	191
Предложното допълнение в съвременния испански език 202 Милена Попова	202
Отношението към другите, отразено в испанските и българските фразеологични единици, съдържащи етноними. Съпоставителен анализ 210 Боряна Кючукова-Петринска	210

Социолингвистични аспекти на категорията <i>вежливост</i>	220
Адриана Миткова	
Влиянието на португалския език върху естремадурския диалект	228
Милена Маринкова	
Номиналната детерминация в светлината на речепроизводството	231
Никола Кръстев	
 Literatura e Cultura	
“Havia” e “havia” e ... Sobre a micro-literatura de Joana Bértholo	243
Sérgio Guimarães de Sousa	
A escrita vigilante de José Cardoso Pires	255
Izabel Margato	
As faces do duplo em <i>Rio Turvo</i> de Branquinho da Fonseca	262
Silvie Špánková	
A função do lar no <i>Diário</i> de Miguel Torga	273
Lenka Kroupová	
Identidades migrantes em <i>Gente Feliz com Lágrimas</i> de João de Melo	283
Yana Andreeva	
Um horizonte antropológico do saber filológico: por uma poética da memória na Literatura Brasileira	291
Gabriel Borowski	
Projectos literários em diálogo: Guimarães Rosa e Mia Couto	301
Petar Petrov	
“Sim, sou eu a moça judia.” O corpo recuperado – a representação da polaca na narrativa de Moacyr Scliar <i>O ciclo das águas</i>	309
Anna Wolny	

Documentos de navegação marítima que servem de base para pesquisas filológicas: <i>Diário da navegação</i> de Pero Lopes de Sousa na construção da imagem do indígena brasileiro	321
Vera Kirkova	
Uma noção de currículo oculto a partir de Tomaz Tadeu da Silva: contributos foucauldianos para o ensino de Estudos Culturais	328
Francisco Nazareth	
Латинската <i>epistula heroica</i> и <i>Писма на Ехо и Нарцис</i> на Антониу Фелисиану де Кашилю	339
Елия Маринова	
Ироничният поглед на Жил Висенте в „Ауто за лодката на рая“ ...	347
Радослава Кирилова	
Пledoария за межкултурното разбирателство. За някои аспекти в творчеството на австрийската писателка Барбара Фришмут	356
Майа Разбойникова-Фратева	
Латинските фрази в текстовете на <i>Moonspell</i>	366
Виолета Герджикова	
„Чистилище”, XXVI песен: за майсторите на поетичното слово и за читателите	375
Даниела Янева	
Бягство или твърдение: два подхода към лудостта в кратката проза на Мария Тереза Орта	383
Илияна Чалъкова	

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Neste volume editam-se os textos apresentados e debatidos no Colóquio Internacional *Horizontes do Saber Filológico* que decorreu nos dias 16 e 17 de novembro de 2012 na Universidade de Sófia Sveti Kliment Ohridski. O encontro foi organizado pelo Departamento de Estudos Ibero-Americanos para assinalar o vigésimo aniversário da instituição da licenciatura em Filologia Portuguesa, primeiro curso de ensino superior de Estudos Lusófonos na Bulgária, e congregou na Universidade de Sófia cerca de 40 estudosas e estudiosos de 17 universidades e centros de investigação da Europa e do Brasil.

Os artigos aqui reunidos propõem um conjunto de reflexões que, cruzando inovadoramente as fronteiras disciplinares tradicionais e expandindo assim os âmbitos e possibilidades do saber, ilustram uma variedade de problemas teóricos e práticos vinculados às áreas de estudo da Linguística, da Literatura e da Cultura, em que se inscreveram as linhas temáticas do colóquio. Na compilação dos textos por áreas e na sua organização no volume pretendeu-se reproduzir as sequências temáticas das sessões de trabalho do colóquio.

Fique aqui a expressão da nossa gratidão às entidades que apoiaram a realização do Colóquio Internacional *Horizontes do Saber Filológico*: o Fundo de Investigação Científica da Faculdade de Letras Clássicas e Modernas da Universidade de Sófia Sveti Kliment Ohridski, as Embaixadas da República Federativa do Brasil e da República Portuguesa em Sófia e o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.

As últimas e principais palavras de agradecimento dirijo-as, em nome dos docentes e alunos da Filologia Portuguesa, aos colaboradores neste volume que com sua presença na Universidade de Sófia em novembro de 2012 contribuíram para o alargamento do espaço de difusão e fluxo de conhecimentos entre o nosso centro de ensino e investigação e a comunidade internacional dos Estudos Lusófonos, permitindo-nos avançar mais um passo rumo aos horizontes do saber filológico.

Yana Andreeva

QUANDO É A GRAMÁTICA QUE ENGANA: EQUÍVOCOS NA CLASSIFICAÇÃO TEMPO-ASPE- TUAL DO VERBO EM PORTUGUÊS

José Teixeira
CEHUM e Universidade do Minho

This paper claims to analyze some aspects of the Portuguese verb grammar classification in order to show how frequently tenses been called as “future” in fact represent past tenses and vice-versa. One intends to demonstrate how important are semantic dimensions as doubt and possibility and how in many cases these dimensions overlap/overcome the time vector.

PALAVRAS-CHAVE: verbo, tempo, aspeto, significado e cognição

Verbum

Descendente direto do latino, o verbo, em Português, mantém uma riqueza morfológica que faz com que se lhe possa ainda colar a designação e o valor de *verbum*, ou seja, *a palavra*, por antonomásia. É o núcleo das *verbalizações*, a palavra essencial a partir da qual se (re)organiza a estrutura morfo-gramatical e semântico-pragmática (se quisermos separar estes quatro domínios) de cada frase.

Torna-se, por isso, o verbo, a principal categoria a trabalhar no ensino do Português Língua Não Materna (PLNM): com certeza a mais complexa, mas, por isso mesmo, a mais fundacional para o domínio das combinatórias morfo-sintáticas exigidas pela norma linguística do Português.

Para levar a cabo esta tarefa (o ensino da estrutura e do funcionamento do verbo em Português) os manuais de PLNM baseiam-se na classificação da chamada „gramática tradicional“, ou seja nas designações e formas que a tradição gramatical de pendor normativo costuma apresentar, apoiando-se na divisão entre „tempos“ e „modos“. E embora a mesma tradição normativa também refira os valores aspetuais que entretecem „tempos e modos“, o certo é que dificilmente os exercícios para a aprendizagem do verbo deixam de se basear numa sequência *indicativo-conjuntivo e presente-passado-futuro*.

Ora se é indiscutível que estas dimensões não podem, em caso algum, ser ignoradas na descrição e ensino das formas verbais em Português, não é menos verdade que a terminologia que tradicionalmente se usa para a respetiva designa-

ção se torna enganadora, porque desadequada e carente de atualização dos usos reais do verbo.

Assim, pretende-se aqui mostrar como, por vezes, a classificação da gramática tradicional não corresponde à realidade do funcionamento da estrutura verbal em Português (Europeu), procurando-se evidenciar as formas e processos como frequentemente as dimensões ligadas à factibilidade, dúvida e possibilidade interferem e se sobrepõem aos valores temporais.

Procurar-se-á, igualmente, fazer ressaltar a importância dos usos semântico-pragmáticos reais da língua e como estes usos demonstram que a terminologia da classificação tradicional (herdada da tradição latina) deverá dar lugar a uma outra que tenha em conta as apertações recentes das relações entre a cognição e a linguagem verbal.

2. Significado e cognição

Se o verbo é a palavra mais complexa, será, necessariamente, aquela em que em maior grau se coordenarão as características fundamentais do significado linguístico. Ora a classificação tradicional do verbo deve-se, precisamente, a uma conceção do significado como algo da „langue“, do „sistema“, formalizável em vertentes discretas que assentam numa estrutura lógica e racional.

Numa visão cognitiva, porém, o significado linguístico resulta bastante mais complexo, decorrendo das nossas perceções sobre o mundo. É flexível: adapta-se à variabilidade do mundo (portanto, não discreto). É perspectivista: cada conceito não é a realidade, mas uma visão/ perspectiva (portanto, não obrigatoriamente lógico). É enciclopédico: ligado ao “conhecimento do mundo” (portanto, não formalizável em poucas características). E é corporizado, baseando-se na nossa experiência individual e coletiva (portanto, não apenas racional).

Assim, devemos entender o significado (neste caso, o significado de cada forma verbal) como contendo muitos mais valores do que a simples estrutura modo-tempo, valores esses que a ultrapassam e se lhe sobrepõem em muitos e variados casos:

processing linguistic meaning is not a matter of understanding what words mean, but includes the perception of physical objects, physical events, the body, and other people in interaction. The meaningful representation of language includes both a depiction of what has happened and potential perceptions and embodied actions that may take place in the future. Linguistic meaning, therefore, is inherently embodied, not only in the sense of what has happened, but in the sense of what is likely to occur next in a discourse situation. (Gibbs 2003:13)

É esta multiplicidade de valores que compõe o „significado“ de cada forma e que a classificação tradicional de modo-tempo não consegue descrever. Daí que o professor de PLNM deva, mais do que se contentar com ensinar o „presento do indicativo“ ou o „futuro do indicativo“, por exemplo, mostrar os valores que estas formas possuem nos usos concretos do Português e não se deixar enganar pelas designações tradicionais.

3. Alguns enganos que a gramática tradicional potencia

3.1. Verbo e temporalidade

„VERBO é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo“ (Cunha e Cintra, 1984:377). Começa assim o capítulo sobre o verbo na gramática protótipo da norma do Português. Ela faz-se eco, precisamente, da tradição de ver a essência do verbo na dimensão temporal: o verbo indica „o que se passa“ (ações/ acontecimentos) e por isso tem como dimensão primeira o tempo.

Sendo isto verdade em parte, não o é na essência.

Primeiro, porque o verbo não representa apenas ações/ acontecimentos dinâmicos, representa Estados de Coisas (EC) (*ter 20 anos, dormir, sofrer, continuar, morrer*, não são ações nem acontecimentos como *jogar, escrever, matar*). Ora cada EC é uma estrutura significativa complexa, onde frequentemente a dimensão temporal é secundarizada. Por isso, e por estranho que possa parecer a muitos gramáticos, o verbo não é classe prioritariamente temporal. Ligar os membros da estrutura verbal em que se insere para que seja possível atribuir-lhe significado é muito mais prioritário. Pode falar-se sempre com infinitivo e a mensagem ser perceptível. Aliás, é quase sempre assim que começamos a comunicar quando não dominamos os „pormenores gramaticais“ de uma língua estrangeira ou da nossa própria língua (quando somos crianças, nas primeiras etapas da aquisição da língua materna): *Eu querer comer agora; Ontem eu comprar bilhete; Eu ir embora amanhã*. Construções como estas não têm tempo na forma verbal, mas têm significado, têm verbo, não impedem a comunicação, transportando (de forma gramaticalmente não normativa) a totalidade do significado.

Em segundo lugar, o Futuro verbal não é *factual* e portanto não é um *tempo*. Na verdade, o Futuro é um não-tempo, é uma possibilidade de realização (temporal). Como é uma forma de perspetivar a possibilidade de ações futuras, é mais importante transmitir a probabilidade e o grau de crença do Locutor sobre a possibilidade de o Estado de Coisas decorrer ou não do que a “factualidade” que ainda não existe.

3.2. Formas simples e compostas: uma questão de variação?

A classificação tradicional costuma apresentar várias formas com dupla estrutura: formas simples e compostas. Veja-se a de Cunha e Cintra 1984:

(Cunha e Cintra, 1984:379)

Indicativo	{	Presente: <i>estudo</i>		
		{	imperfeito: <i>estudava</i>	
			{	perfeito
	mais-que-perfeito	{ simples: <i>estudara</i> composto: <i>tinha (ou havia) estudado</i>		
	{	{	do presente	{ simples: <i>estudarei</i> composto: <i>terei (ou haverá) estudado</i>
			do pretérito	{ simples: <i>estudaria</i> composto: <i>teria (ou haveria) estudado</i>
Conjuntivo	{	Presente: <i>estude</i>		
		{	imperfeito: <i>estudasse</i>	
			{	perfeito: <i>tenha (ou haja) estudado</i>
	mais-que-perfeito: <i>tivesse (ou houvesse) estudado</i>			
{	{	Futuro	{ simples: <i>estudar</i> composto: <i>tiver (ou houver) estudado</i>	
Imperativo --		Presente: <i>estuda (tu), estude (você), estudemos (nós), estudai (vós), estudem (vocês).</i>		

Pode parecer que a diferença entre as formas simples e compostas está apenas a nível morfológico, valendo as duas formas o mesmo. Ora isto não é verdade, já que a relação entre formas simples e compostas não é sempre a mesma. E somos enganados se olharmos apenas para esta separação morfológica que a gramática apresenta como isso mesmo, uma diferença apenas na forma.

3.2.1. Mais-que-perfeito Indicativo (simples e composto)

Estas formas representam globalmente o mesmo estado de coisas, tendo, no entanto, diferentes usos relativamente à variação oral-escrito.

O Mais-que-perfeito simples é mais clássico e é usado quase só na língua escrita. O composto é, praticamente, o único utilizado na oralidade.

3.2.2. Futuro simples e composto do Indicativo

Muito diferente é o que se passa com as formas do Futuro, simples e composto. A construção apresentada com o verbo *haver* é arcaica, não sendo hoje praticamente utilizada. As outras (*estudarei/ terei estudado*) não referem estados de coisas iguais. E há aqui grande engano, porque embora sejam rotuladas de „fu-

turo“ não só não têm valor idêntico, como podem mesmo aplicar-se ao presente e ...ao passado.

O Futuro simples designa um estado de coisas futuro mas sem outro ponto de referência (para além do momento da enunciação), enquanto o Futuro composto, refere um estado de coisas referenciado a um determinado momento de um futuro posterior:

1. *Amanhã à noite lerei o livro.*
2. *Amanhã à noite já terei lido o livro.*

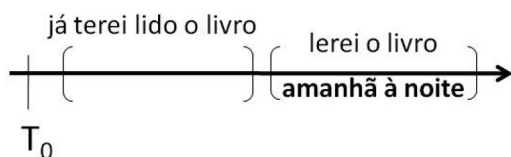


Fig. 1

Outros exemplos como

3. *Às 3 horas já terei comprado o carro.*
4. **Às 3 horas já comprarei o carro.*

mostram como um Ponto de referência (Pr) temporal posterior no FUT(uro) não é aceitável com FUT simples, mas é com FUT composto.

Pode, pois, verificar-se como o FUT (IND) simples implica um Estado de Coisas (EC) do verbo perspectivado como a decorrer nesse futuro. Já o FUT (IND) composto implica um EC perspectivado relativamente a um Pr no futuro.

Só que como atrás se disse (3.1.), o FUT não é um tempo, no verdadeiro sentido, porque não é factual, não há „factos“ mas apenas possibilidade de eles virem a existir. Ora como o significado envolve todas as implicações cognitivas possíveis¹, os falantes sabem isto mesmo e acrescentam uma nova dimensão que anula a temporalidade, nova dimensão essa resultante da implicação cognitiva „futuro não é tempo, é possibilidade de acontecimentos“.

Isso leva a que facilmente os seus valores adquiram vertentes decorrentes deste seu estatuto especial na temporalidade, transformando-se o FUT mais em “grau de possibilidade” que em „acontecimento situável num determinado tempo“.

¹ Recordar a já citada referência à perspectiva do significado corporizado: “The meaningful representation of language includes both a depiction of what has happened and potential perceptions and embodied actions that may take place in the future.” (Gibbs 2003:13)

É esta transformação em „grau de possibilidade“ que anula o seu valor temporal, podendo o FUT (IND) simples valer como PRESEnte com o valor acrescentado de „com dúvida“:

5. *Não serão mais de 10 os estrangeiros que estão nesta sala.*
6. *Quem estará agora a falar lá fora?*

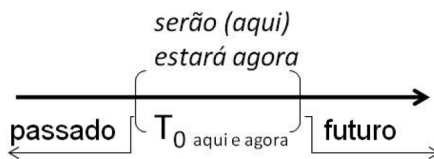


Fig. 2

Por sua vez, a forma do FUT composto (IND) ao fazer sobressair este valor de „com dúvida“, pode anular a dimensão temporal (e assim se comprova a importância aqui apenas relativa da dimensão tempo) e passa a poder referir acontecimentos de existência duvidosa concluídos no passado. Equivale, portanto, a um PRETérito Perfeito relativo a acontecimentos duvidosos:

7. *Na reunião de ontem, terão saído 5 pessoas antes do fim.*
8. *Quem terá falado na reunião de ontem?*

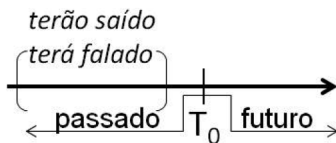


Fig. 3

Confiando-se na designação tradicional, apresenta-se esta forma composta (*terei* + PP) como possuindo apenas o valor de FUTuro, quando, como se viu, ela pode valer como passado. E, por estranho que pareça, esta radical confusão originada pelo facto de se tratar o verbo pelas “formas”, esquecendo os valores, é apresentada em... manuais para estudar o verbo em Português.

Veja-se, a título de exemplo, o manual *Estudar o Verbo* (Achter 1996: 159-160). A forma (*terei* + PP) é indicada com a designação tradicional (Futuro composto do indicativo), explicando-se depois os usos:

[...] c) Emprego

O futuro composto do indicativo emprega-se para designar que uma acção num certo momento do futuro já terá acabado e será completamente concluída.

Ex: No próximo mês, a Joana já **terá falado** com o professor.

E são apresentadas depois 15 frases com 16 espaços para completar com a forma adequada (*ter*FUT+PP), subentendendo-se que, como se diz na „explicação“ sobre o „emprego“ tais formas indicam „uma acção [que] num certo momento do futuro já terá acabado e será completamente concluída“. As frases são:

1. No final do mês de Agosto, eu já..... (*acabar*) o curso.
2. Para o ano, por esta altura as férias já (*começar*).
3.(*haver*) aqui alguma festa?
4. Não te preocupes! Daqui a uma semana eu já(*regressar*) do estrangeiro.
5. O que é que(*acontecer*) para ele chegar atrasado ao encontro que tínhamos marcado.
6.(*ser*) *ela* que fez aquilo?
7. No final do mês de Agosto já(*voltar*) de Paris.
8. Aquele homem(*ser*) muito importante, porque ergueram um monumento em sua memória.
9. Quando é que eles.....(*comprar*) esta casa?
10. O Manuel foi a Lisboa, mas.....(*ir*) de livre vontade?
11. Não sei quem.....(*fazer*) tal maravilha?!
12. Quem.....(*dizer*) tais coisas acerca de mim?
13. Mais uma semana e já.....(*terminar*) tudo isto, finalmente irei para a praia.
14. Quando é que elas.....(*ir*) às compras?(*ser*) durante a nossa ausência?
15. Não sei quem(*mandar*) imprimir aqueles textos.

Qualquer falante, imediatamente, vê que, embora o exercício seja sobre formas designadas como „futuro“, muitas frases se referem a tempos do passado. Concretamente, há 5 formas situáveis no futuro e mais do dobro (11) no passado!

Esta forma (*terei* + PP), em si mesma, tem uma estrutura morfológica tendente a apontar mais para o passado do que para o futuro. Na realidade, o primeiro elemento, FUTuro de *ter* (*terei/ás/á/...*) é associada ao valor [dúvida], já que implica sempre o seu valor modal, quer ela valha como futuro ou como presente (ver acima FUT=PRES+dúvida). O outro elemento da construção, o Particípio Passado, designa habitualmente um EC terminado, reforçando, por isso, a tendência de esta estrutura gramaticalmente chamada FUTuro composto (*ter*FUT+PP) referir frequentemente ECs situáveis no passado.

São os outros constituintes dos contextos frásicos e situacionais que vão indicar se a construção representa um EC passado ou futuro:

9. O Manuel **foi** a Lisboa, mas **terá ido** de livre vontade?
 10. **Até ao final do ano já terá ido** a Paris.

Sendo exatamente a mesma forma a utilizada nas duas frases (*terá ido*), em 9. situamos o EC no passado por causa da forma *foi* da primeira oração e em 10 situamo-lo no futuro em virtude da indicação temporal prospectiva *até ao final do ano*.

Note-se que embora se situe em segmentos temporais diferentes (pode dizer-se mesmo opostos –passado e futuro) a forma verbal refere essencialmente o mesmo EC: simultaneamente a dúvida e a possibilidade de esse EC ter ocorrido ou vir a ocorrer. Portanto, podemos verificar como, para a respetiva forma, os valores mais importantes (comuns, nunca alteram) são os de [dúvida/possibilidade] e não os de [passado-futuro], tornando-se estes, ao contrário dos outros que são constantes, apenas detetáveis por outros elementos da frase.

Podemos dizer-se, no entanto, que os valores [dúvida/possibilidade] não detêm exatamente a mesma inter-relação nas duas temporalidades opostas. Quando a forma se situa no futuro, o valor essencial é (como nos tempos de FUTuro) o de [possibilidade]. É cognitivamente implicativo, no entanto, que toda a possibilidade não é uma certeza e por isso este valor acarreta necessariamente o de [dúvida]. Quando a forma é situável no passado, o valor [dúvida] sobrepõe-se a [possibilidade] –ver Figura 4. Por isso é que esta é uma forma verbal muito usada nas frases interrogativas sobre o passado, não precisando, nestas estruturas, de qualquer elemento frásico para o enquadramento temporal. Ela é sempre interpretada como decorrendo no passado: *Terá havido alguma festa?* corresponde a (*Estou com a seguinte dúvida:)* *Houve alguma festa?* e não a *Irá haver alguma festa?*.

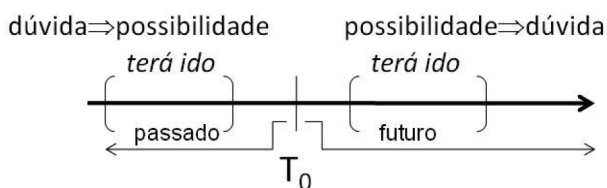


Fig. 4

Decorrendo destas diferenças entre o EC se situar no passado ou no futuro, os Pr desses mesmos ECs também não são idênticos.

Assim, o Pr dos ECs do passado é T_0 , ou seja o Momento da Enunciação. Isto leva a que, habitualmente e por razões óbvias, esse Pr não apareça lexicalizado na estrutura frásica. Já o Pr dos ECs do futuro tem de ser explicitado porque o EC é sempre colocado antes desse mesmo Pr. Ou seja, quando o EC se situa no pas-

sado, ele é situado relativamente ao Momento da Enunciação e não relativamente a um momento desse passado; mas quando se situa no futuro ele é situado num momento concreto desse futuro:

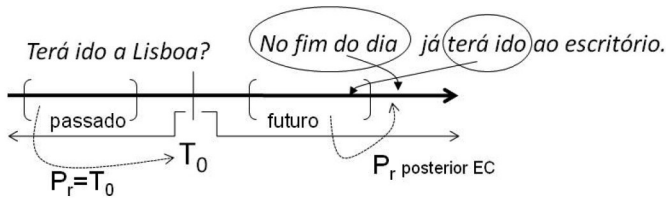


Fig. 5

Este predomínio dos valores de [dúvida/possibilidade] deve-se, em grande parte, ao facto de os mesmos valores já predominarem nas formas do FUTURO simples do INDICATIVO. Na verdade, só no registo formal (escrito ou oral) as formas simples se usam com o valor de [futuro]. Na língua da *performance* quotidiana apenas são empregues quando se quer exprimir muita dúvida. O registo habitual do PE atual prefere nitidamente um uso como 11. a 12., considerado muito formal ou, num diálogo comum, muito pretensioso:

11. *Eh pá, anda daí; vamos dar uma volta; vamos tomar um café e depois vais-me contar todas as novidades.*

12. *?Eh pá, anda daí; daremos uma volta; tomaremos um café e depois contar-me-ás todas as novidades.*

É que a forma de futuro que realmente predomina na sincronia atual é $IR_{pres} + V_{inf}$, repartindo o valor de [futuro] com as formas do PRES simples do IND. Podemos, por isso, fazer equivaler 11. a 13.:

13. *Eh pá, anda daí; damos uma volta; tomamos um café e depois contas-me todas as novidades.*

Esta volatilidade formal e semântica do futuro deve-se à circunstância de não ser factual, de apenas podermos encarar a probabilidade maior ou menor de um EC. E, por isso, a gramática se engana quando atribui valores apenas temporais às formas morfológicas. Estas representam, sobretudo, situações complexas de acontecimentos e estados (ECs) que a cognição e a língua compõem e não apenas „situações temporais“, como a tradição estruturalista tem tendência a ver.

3.2.3. As formas de pretérito do conjuntivo

Um outro bom exemplo para corroborar esta visão cognitiva com que devemos abordar os valores verbais e não os verbos prioritariamente no esqueleto morfológico temporal é o que acontece com todas as formas de pretérito do conjuntivo.

A classificação morfológica diz que são tempos relativos ao passado (*pretérito*). Mas nem sempre. Quando se exercitam estas formas com aprendentes do PLNM deve ter-se o cuidado de mostrar que tanto podem representar ECs do passado, do presente e do futuro. Assim, o PRET Imp CONJ pode referir um EC no passado (implicando anterioridade relativamente a outro EC também no passado –Fig. 6):

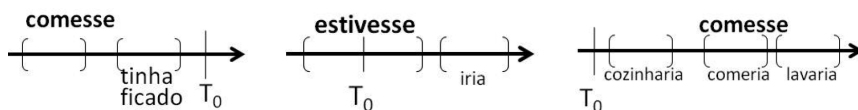
14. *Se ele **comesse** bem não tinha ficado doente.*

ou no presente (Fig. 7)

15. *Se ele agora estivesse aqui, eu iria embora.*

Mas a mesma forma também pode representar um EC no futuro (Fig. 8):

16. *Se ele amanhã **comesse** comigo, eu cozinharía/ comería com ele/ lavaria a loiça.*



Figuras 6, 7 e 8

Como se comprova, quando a mesma forma (PRET Imp CONJ) se situa no futuro não implica nenhuma relação temporal relativamente ao outro EC: pode ser posterior (*cozinhar*>*comer*), simultânea (*comer*=*comer*) ou anterior (*comer*>*lavar a loiça*).

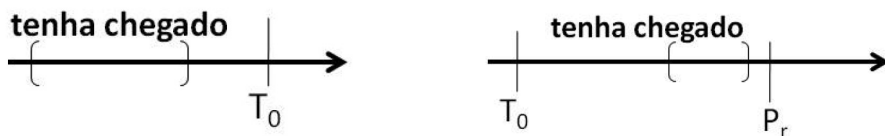
Não triplo, mas duplo valor se encontra também no PRET Perf CONJ. Pode situar-se no passado, implicando apenas um EC hipotético terminado nesse passado (Fig. 9):

17. *Talvez tenha chegado ontem.*

ou referir um EC hipotético relativo a um Pr no futuro (Fig. 10):

18. *Amanhã por esta hora talvez ele já tenha chegado.*

19. *Logo que ele tenha chegado, avisa-me.*



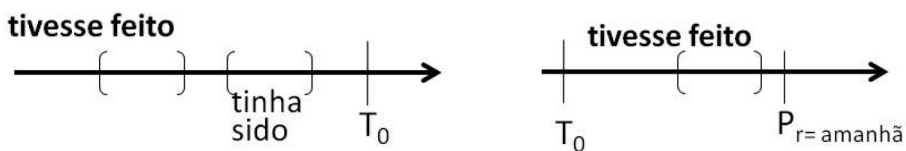
Figuras 9 e 10

E a mesma bivalência passado-futuro se encontra no PRET MQPerf CONJ. Pelo passado equivale a um EC hipotético anterior relativamente a outro EC no passado (Fig. 11):

20. *Se ele tivesse feito o trabalho não tinha sido despedido.*

Com valor de futuro indica um EC hipotético anterior relativamente a um Pr no futuro (Fig. 12):

21. *Se ele amanhã já tivesse feito o trabalho, poderíamos sair.*



Figuras 11 e 12

4. Conclusões

Os exemplos que atrás se apresentaram evidenciam a importância de uma visão cognitiva sobre o significado verbal. Ao ter sobrevalorizado a dimensão temporal sobre todas as outras que constituem o EC de cada forma verbal, a tradição gramatical apresenta uma nomenclatura das formas verbais que frequentemente adultera o seu verdadeiro valor e torna, por isso, mais difíceis não apenas as tarefas didáticas do ensino do PLN M mas igualmente a reflexão que os falantes do Português como língua materna devem fazer sobre a sua própria língua. Porque chamar „futuro“ a uma forma que tem sobretudo usos de passado dificulta desnecessariamente qualquer tarefa didática ou descritiva.

A classificação tradicional não dá conta da complexidade semântica que cada EC de uma forma verbal implica. Como se viu, relativamente aos „tempos“ não

factuais, como são os do futuro e do conjuntivo, os valores de dúvida/possibilidade têm mais importância do que propriamente a localização temporal. Continuar a referi-los com uma grelha assente em passado-futuro é causador de enganos e incoerências variadas, a começar pelo facto curioso de chamar „futuro“ a um „futuro“ que se situa no passado e „pretérito“ a um „pretérito“ que se situa no futuro.

Referências bibliográficas

- Achter, Erik Van e Santos, Maria Joana de Almeida Vieira dos, 1996, *Estudar o Verbo - Exercícios Práticos Para Estrangeiros*, Minerva.
- Cunha, Celso e Cintra, Lindley, 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições Sá da Costa, Lisboa.
- Gibbs Jr., Raymond W., 2003, “Embodied experience and linguistic meaning”, *Brain and language* 84, pp 1–15.
- Mateus, M.H. M. et al., 2003, *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª edição, revista e aumentada), Editorial Caminho.



Цена 15 лв.

ISBN 978-954-07-3731-7



9 789540 737317